

O racismo religioso da Pedagogia da Batalha Espiritual

Marcelo Brandão Araújo¹

Resumo

No cenário nacional, a partir dos anos 1980, os neopentecostais começaram ocupar cada vez mais posições consideradas de destaque no âmbito da sociedade brasileira, em especial, na política partidária e no uso dos meios de comunicação de massa: TV, rádio e uma avalanche de material impresso. De fato, o crescimento exponencial dos neopentecostais em termos financeiros e de quantidade de fiéis ocorreu, entre outros motivos, por conta do processo de demonização das religiões de matriz africana. Nesse sentido, ainda nos dias de hoje, em muitos casos, a liderança neopentecostal, sobretudo, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), através da Pedagogia da Batalha Espiritual, continua divulgando em larga escala diversos ensinamentos sobre a necessidade permanente de combater o mal, ou seja, o panteão afro-brasileiro. Diante disso, surge a necessidade cada vez mais urgente de promover contraofensivas para fazer frente ao avanço ininterrupto da Pedagogia da Batalha Espiritual.

Palavras-Chave: Racismo religioso; Pedagogia da Batalha Espiritual; Pedagogias das Encruzilhadas; Palavras Encruzilhadas; Igreja Universal do Reino de Deus.

1. Introdução

Ainda nos dias de hoje, com o objetivo de conquistar mais seguidores e ter ganhos financeiros, muitas confissões de fé espalhadas pelo Brasil afora, em especial, as denominações cristãs neopentecostais, continuam recorrendo a Pedagogia da Batalha Espiritual como um modo de ensinar aos seus fiéis a demonizar as manifestações religiosas de matriz africana.

De fato, no contexto da pedagogização, normalização e naturalização do discurso de ódio, percebe-se que “o cristianismo como ‘religião dos brancos’, e, portanto, ‘normal’. O candomblé como ‘religião dos negros’, e, portanto, não apenas uma ‘religião que não é verdadeira’, ou ‘anormal’, mas sendo sobretudo ‘uma religião do mal’, ‘diabólica’” (PACHECO, 2019, p. 145, grifos do autor).

Diante disso, o presente artigo se justifica na necessidade cada vez mais urgente de não apenas, simplesmente, de denunciar o racismo religioso fortemente presente na Pedagogia da Batalha Espiritual. Mas, muito mais que isso! O trabalho de pesquisa pretende ir além, principalmente, no sentido de apresentar e discutir, no campo das religiões, as estratégias pedagógicas capazes, efetivamente, de promover uma contraofensiva de superação da intolerância e do discurso de ódio contra os cultos de matriz africana.

Nessa perspectiva, na primeira parte, o estudo se apoia na apresentação e no debate acerca dos três principais pilares de aporte teórico da Pedagogia da Batalha Espiritual, ou seja,

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Mestrado em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: mbaraujo@rede.ulbra.br

a Teologia da Prosperidade estudada por Lemos (2017), Lima (2007 e 2008) e Xavier (2009); e os conceitos de cruzada e fechamento comunitário ou estratégia do gueto, ambos discutidos por Teixeira (2007).

Depois, em outro momento, na segunda parte, dentre as incontáveis iniciativas de pedagogização do ódio, da intolerância e do racismo religioso contra as manifestações de fé de origem africana, o artigo elegeu o Projeto Gladiadores do Altar, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como um exemplo bem-sucedido da aplicação do aporte teórico da Pedagogia da Batalha Espiritual. A escolha ocorreu, principalmente, por conta das polêmicas e controvérsias em torno das acusações de prática de racismo religioso do referido projeto contra as populações do terreiro.

Por último, na terceira parte, a pesquisa avança para as alternativas de contraofensiva de superação da intolerância e do racismo religioso, portanto, de rompimento do discurso de ódio da Pedagogia da Batalha Espiritual. Ou seja, a partir daí, então, a pesquisa passa a dialogar com o nível místico de diálogo inter-religioso de Panasiewicz (2003), as Pedagogias das Encruzilhadas de Rodrigues Júnior (2018) e Palavras Encruzilhadas de WILAME JÚNIOR (2020).

Outrossim, de modo complementar, o estudo também recorre a Demo (1997), Moraes (1997) e Fazenda (2005), com o intuito de apresentar e debater os motivos pelos quais a Pedagogia da Batalha Espiritual segue na contramão do paradigma educacional emergente, tendo em vista que a estratégia pedagógica de viés de batalha não vê a pessoa como um ser crítico, plural, relacional, multidimensional e interdisciplinar.

2. Aporte teórico da Pedagogia da Batalha Espiritual: cruzada, fechamento comunitário ou estratégia do gueto e Teologia de Prosperidade

Do mesmo modo que as escolas, as religiões, por sua vez, também precisam elaborar e colocar em prática as suas pedagogias, ou seja, necessitam escolher as estratégias de ensino-aprendizagem que poderão, efetivamente, atender as suas necessidades, especificidades e visões de mundo, tendo em vista que “o discurso religioso apresenta um enunciador que se coloca como representante de Deus e procura *ensinar* os preceitos divinos às pessoas” (SOUSA, 2013, p. 35, grifo nosso).

Nessa perspectiva, no que diz respeito as escolhas pedagógicas das religiões, na opinião de Pacheco (2019), as igrejas neopentecostais *ensinam* aos seus fiéis sobre a necessidade divina de promoção de uma batalha espiritual contra o mal, os inimigos da verdadeira fé, através de um “[...] processo ‘pedagógico’ de reeducação (e não alienação)

quanto ao estigma lançado sobre as religiões de matriz africana e a cultura africana” (PACHECO, 2019, p. 145, grifos do autor).

Olhando por esse prisma, no contexto do processo pedagógico e de reeducação dos fiéis operacionalizados pelas igrejas neopentecostais e problematizados por Pacheco (2019), pode-se dizer que diferentemente das religiões afro-brasileiras, muitas outras manifestações de fé espalhadas pelo país afora tendem a abraçar o fundamentalismo como *pedra angular*.

Inclusive, nesse sentido, enquanto os cultos afros privilegiam a abertura e veem o sincretismo e a diversidade como riquezas, o fundamentalismo, por sua vez, presente na Pedagogia da Batalha Espiritual de determinadas confissões de fé se apoiam, segundo Teixeira (2007), no fechamento comunitário ou estratégia do gueto.

O fechamento comunitário ou estratégia do gueto, no entendimento de Teixeira (2007) reforça o discurso de ódio, a intolerância e racismo religioso, uma vez que impede a aproximação, o encontro e o diálogo entre as religiões.

Portanto, tendo como base o conceito de fechamento comunitário ou estratégia do gueto de Teixeira (2007), pode-se dizer que a restrição dos vínculos de amizade às pessoas de uma mesma denominação religiosa e a proibição de participar das celebrações de outras religiões, conseqüentemente, inviabilizam a construção e fortalecimento de um sentimento de respeito e solidariedade entre as confissões cristãs e as manifestações de fé das populações do terreno.

Contudo, o conceito de gueto de Teixeira (2007) nos faz voltar no tempo, tendo em vista que durante a Segunda Guerra Mundial, os guetos foram criados pelos nazistas em regiões urbanas para confinamento e vigilância permanente da população judaica. Nos guetos, os judeus eram obrigados a viver em condições miseráveis e insalubres.

De certo, em muitos casos, embora os terreiros estejam localizados em guetos modernos, ou seja, nas favelas e nos bairros pobres das pequenas e grandes cidades. Observa-se que os espaços de manifestação de fé de matriz africana não são locais fechados e destinados a conversão, portanto, que impedem a entrada de pessoas oriundas de outras religiões. Mas, ao contrário, são locais plurais e de respeito e valorização da diversidade religiosa.

Além da estratégia do gueto ou fechamento comunitário, Teixeira (2007) também apresenta outro aporte fundamentalista, ou seja, a cruzada. Nessa conjuntura, no campo da religião e religiosidade, do mesmo modo que a estratégia do gueto ou fechamento comunitário, percebe-se que o conceito de cruzada também é compatível com a proposta da

Pedagogia da Batalha Espiritual, uma vez que a cruzada consiste na prática de conversão e perseguição contra as religiões não cristãs.

Aliás, do mesmo modo que o conceito de gueto, a cruzada também nos faz voltar no tempo, tendo em vista que as Cruzadas foram expedições militares e religiosas realizadas entre os séculos XI e XIII, que partiram da Europa Ocidental em direção à Terra Santa e à cidade de Jerusalém, com o objetivo de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão. Todavia, embora a Cruzada propriamente dita não faça parte da história recente da humanidade, percebe-se que, no contexto da contemporaneidade e da Pedagogia da Batalha Espiritual, determinadas igrejas neopentecostais resgataram o conceito de cruzada para ensinar aos seus fiéis a odiar e demonizar o panteão afro-brasileiro. Portanto, no cenário nacional, a nova cruzada ganhou outro objetivo. Ou seja, ao invés de guerrear e perseguir os povos do Oriente, passou a promover ensinamentos de ódio e violência contra os cultos africanos.

Em continuidade, na opinião de Teixeira (2007), a cruzada enquanto uma prática e sentimento fundamentalista começou nos anos 1980. Ou seja, a partir do momento que determinadas igrejas neopentecostais recorreram aos programas televisivos, sobretudo, com a intenção de hostilizar, perseguir e demonizar a Umbanda e o Candomblé, com o propósito de conquistar mais fiéis e recursos financeiros para as suas denominações. Inclusive, nesse contexto, no caso da (IURD), de acordo com Sousa (2014, p. 81), “em 1989 a igreja realiza a sua maior façanha no meio televisivo, comprando a Rede Record de Rádio e TV pelo valor de 45 milhões de dólares”.

Nessa perspectiva, além de Teixeira (2007), Santana (2005) também destacou os motivos pelos quais aumentou, em especial, na década de 1980, o interesse dos evangélicos em relação as mídias.

- a) O surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na década de 1980, sua inserção ressignificadora no campo religioso brasileiro e suas relações com a mídia;
- b) A atuação da bancada evangélica na constituinte de 1988 e consequente crescimento de políticos evangélicos nas mais variadas eleições do país;
- c) O crescimento dos evangélicos em paralelo com o declínio católico apontado nos censos do IBGE. (SANTANA, 2005, p. 56).

No entendimento de Patriota (2009), no que concerne ao interesse das igrejas pelos programas televisivos, as missas e cultos transmitidos pela TV ser tornaram espetáculos, shows de auditório, tendo em vista que “a aliança firmada entre a religião e a mídia é algo verificado em larga escala e nos traz a possibilidade de contemplação de mensagens religiosas em forma de ‘concerto espetaculares’” (PATRIOTA, 2009, p. 27, grifo do autor).

Em prosseguimento, no âmbito da retórica da cruzada enquanto um conteúdo importante da Pedagogia da Batalha Espiritual, bem como no contexto do processo de espetacularização dos programas veiculados pelas igrejas. Em julho de 2019, a TV Record e a Record News, ambas de propriedade do bispo Edir Macedo e da sua esposa Ester Bezerra, depois de quinze anos de disputa judicial, acabou sendo condenada porque demonizou ao vivo as manifestações de fé de origem africana durante a apresentação do quadro *Sessão de Descarrego*, do programa *Mistérios* da IURD.

Entretanto, a conduta da IURD em relação as populações do terreiro não abrangem a totalidade das igrejas evangélicas pentecostais ou não pentecostais, considerando que para Silva (2017, p. 108) “[...] a ausência de um movimento negro no campo evangélico não significa que os problemas relativos à identidade negra não sejam postos nesse campo [...]”.

Além disso, ao contrário da conduta racista da IURD, na opinião de Silva (2017), outras denominações neopentecostais rejeitam e lutam contra o racismo religioso, como é o caso da Comunidade Martin Luther King Jr. (da Igreja Pentecostal Cristo em Deus), Missão Quilombo da Igreja Pentecostal Brasil para Cristo, Pentecostais Negros do Rio de Janeiro, entre outras.

Entretanto, mesmo levando em conta que nem todos os neopentecostais podem ser considerados essencialmente fundamentalistas, na opinião de Pacheco (2019, p. 145, grifo do autor), “mas é com as igrejas neopentecostais que o princípio da ‘batalha espiritual’ empurra para o campo do fundamentalismo extremista a hostilidade, e transforma em perseguição deliberada o ataque às religiões de matriz africana”.

No âmbito da guerra santa do bem contra o mal, o bispo Edir Macedo da IURD, é considerado um proeminente defensor da Pedagogia da Batalha Espiritual e da Teologia da Prosperidade, levando em conta que, além dos programas de TV, Macedo recorre as mídias impressas para divulgação dos seus ensinamentos de ódio, demonização e estigmatização dos cultos afro-brasileiros.

Essa luta é renhida e, embora não andemos atrás dos demônios, eles andam a nossa procura para nos afastar de Deus. São inimigos d'Ele e do ser humano; daí a necessidade da luta. Essa luta com satanás é necessária para podermos dar o devido valor à salvação eterna, pois não há vitória sem luta. (MACEDO, 2005, p. 37).

Portanto, no contexto da Pedagogia da Batalha Espiritual, o bispo Edir Macedo (2005), no livro de sua autoria intitulado *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* Veicula ensinamentos que reforçam o senso comum de que a Umbanda e o Candomblé são

religiões inimigas de Deus. E que, por isso, ambas precisam se combatidas e erradicadas da face da terra.

Outrossim, a Pedagogia da Batalha Espiritual também recorre a Teologia da Prosperidade, que consiste, muitas das vezes, numa estratégia visa ganhos financeiros e sucesso profissional, empresarial e nos negócios através, principalmente, da produção e divulgação de ensinamentos de expulsão dos demônios dos cultos afros.

Nessa perspectiva, no entendimento de Lima (2007) e Lima (2008), os ensinamentos da Teologia da Prosperidade não se apoiam, simplesmente, em palestras motivacionais ou que estimulam o empreendedorismo como alternativa de sucesso empresarial. Mas, muito mais que isso! Mediante a escolha e o uso de uma retórica específica, os membros das igrejas cristãs neopentecostais se tornam pedagogicamente capazes de expulsar os demônios das religiões de matriz africana, que são vistos como os verdadeiros responsáveis pelo fracasso financeiro das pessoas.

Inclusive, em relação a questão da Teologia da Prosperidade, de acordo com Lemos (2017, p. 81), no cenário nacional, “estamos diante de um aporte doutrinário, por meio do qual se exalta as benesses da riqueza e do dinheiro. Nesse sentido, a Teologia da Prosperidade caracteriza-se pelas novas redefinições que conferiu ao neopentecostalismo”.

Já na opinião de Xavier (2009), no Brasil, as vertentes da Teologia da Prosperidade foram colocadas em prática, inicialmente, em 1977, pelo bispo Edir Macedo, fundador da IURD. Segundo Xavier (2009), depois da iniciativa pioneira de Macedo, outras denominações religiosas também passaram a abraçar essa doutrina, tais como: a Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sarando a Nossa Terra, Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP), Nova Vida, Bíblia da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Ministério Palavra da Fé, Missão Shekinah, Comitê Cristão de Homens de Negócio (CCHN), entre outras.

3. Projeto Gladiadores do Altar: aplicando na prática o aporte teórico da Pedagogia da Batalha Espiritual

Em janeiro de 2015, a IURD publicou nos seus perfis nas redes sociais o recrutamento de membros para participar das atividades do Projeto Gladiadores do Altar. Os Gladiadores vestem uniforme, marcham, prestam continência e respondem aos comandos militares de *sentido e descansar*.

Figura 1: Gladiadores do Altar – Comando Militar de *Sentido*



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/zs0XEQckkR/> Acesso em: 19 jul. 2022

Figura 2: Projeto Gladiadores do Altar – Saudação Militar de Continência /
Comando Militar de Descansar



Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/cidades/alvo-de-criticas-universal-cria-gladiadores-do-altar-na-capital/25789/> Acesso em: 19 jul. 2022

Contudo, o então deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), na sua conta pessoal no Instagram, manifestou preocupação em relação ao perfil de atuação dos Gladiadores da IURD. Segundo o parlamentar “o fundamentalismo cristão no Brasil tem ameaçado as liberdades individuais, a diversidade sexual e as manifestações culturais laicas” (WYLLYS, 2015). Inclusive, o deputado acusou a IURD de formar “[...] uma milícia que, por enquanto, atende pelo nome de Gladiadores do Altar. (WYLLYS, 2015).

Além do político, a liderança da Umbanda e do Candomblé formalizaram um pedido de abertura de inquérito civil para apuração de suposto crime de racismo religioso por parte do Projeto Gladiadores do Altar.

Outrossim, o cartunista Vitor Teixeira, também manifestou indignação em relação a iniciativa da IURD. Inclusive, Teixeira criou uma charge para denunciar o suposto potencial racista do Projeto Gladiadores do Altar. A ilustração, apresentada abaixo na *figura 3*, mostra um Gladiador vestindo um uniforme (calça jeans, camiseta com o logo da IURD e elmo

romano). Por último, no desenho de Teixeira, o jovem portando uma espada atravessa o corpo de uma mãe de santo.

Figura 03: Gladiador por Vitor Teixeira



Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/universal-pressiona-cartunista-a-eliminar-charge-sobre-gladiadores-do-altar> Acesso em: 19 jul. 2022.

Entretanto, o Projeto Gladiadores do Altar acionou a justiça e, com isso, o chargista foi obrigado a retirar a ilustração (*figura 3*) do seu site pessoal de divulgação das suas obras. Entretanto, apesar da censura imposta ao artista, a imagem continuou circulando massivamente nas redes sociais. Mas, em contrapartida, Teixeira criou outro desenho (*figura 4*). Na nova charge, Teixeira desenhou mãos algemadas, uma folha de papel e um lápis, sendo que uma das algemas tinha gravado o logo da IURD (o coração vermelho e a pomba branca).

Figura 04: Censura por Vitor Teixeira



Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/universal-pressiona-cartunista-a-eliminar-charge-sobre-gladiadores-do-altar> Acesso em: 19 jul. 2022.

Todavia, no contexto da Pedagogia da Batalha Espiritual, portanto, no que diz respeito a produção e divulgação de ensinamentos racistas contra o panteão afro-brasileiro, o Projeto Gladiadores do Altar da IURD não foi um caso isolado, posto que, infelizmente, o problema de racismo religioso é algo recorrente, uma vez que continua fazendo parte da realidade nacional.

Nesse sentido, o portal de notícias Universo Online (UOL) divulgou que agentes da Polícia Federal, em cumprimento a mandado de prisão preventiva e de busca e apreensão, prenderam, em fevereiro de 2022, no Rio de Janeiro, o pastor Tupirani da Hora Lores, da igreja pentecostal Geração Jesus Cristo. O clérigo foi alvo da Operação Rofésh e é suspeito de produzir e publicar na internet vídeos atacando judeus e outros grupos religiosos. O pastor também é suspeito de ensinar aos fiéis o ódio em relação aos cultos afros, negros, homossexuais e políticos.

Em agosto do ano passado, o pastor disse, em meio a salva de palmas e gritos de "aleluia" daqueles que acompanhavam a pregação que "a igreja de Jesus Cristo não levanta placa de filho da p* negro nenhum, não levanta placa de filho da p* de político, não levanta placa de filho da p* de veado. A igreja de Jesus Cristo só levanta a sua própria placa, p**", gritou Lores. (Universo Online – UOL Notícias, 2022).

4. Propostas de superação da Pedagogia da Batalha Espiritual

Mas, será que é possível romper, superar a prática de fechamento comunitário ou estratégia do gueto presente na Pedagogia da Batalha Espiritual?

O nível místico de diálogo inter-religioso de Panasiewicz (2003) contribui para a superação do fechamento comunitário, tendo em vista que, no nível místico, os indivíduos podem conhecer e, inclusive, participar das cerimônias de outras religiões. Contudo, a participação não implica em conversão, mas sim em troca de vivências.

Mas, por que, no contexto da Pedagogia da Batalha Espiritual, muitas religiões renunciam o nível místico e recorrem ao fechamento comunitário ou estratégia do gueto como o único modo possível de relação com o sagrado?

Por um lado, a estratégia do gueto enquanto um recurso pedagógico tem o potencial de dificultar ou até mesmo impedir que determinada denominação religiosa fique à mercê de interferências externas consideradas indesejadas e hostis em relação as suas visões de mundo e certezas teológicas. Mas, por outro lado, o fechamento comunitário também faz com que as confissões de fé permaneçam isoladas, principalmente, no que diz respeito ao encontro com outras formas de conceber a manifestação do sagrado. Portanto, diferentemente do nível

místico, na estratégia do gueto, a religião fica protegida numa *redoma de vidro* e faz de conta que a pluralidade religiosa não existe!

A proposta das Pedagogias das Encruzilhadas de Rodrigues Junior (2018) se revela como uma possibilidade real para a superação dos conflitos, considerando que diferentemente da Pedagogia da Batalha Espiritual, “as encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam” (RODRIGUES JUNIOR, 2018, p. 75). Portanto, no contexto das Pedagogias das Encruzilhadas, os conflitos não ganham força, posto que uma cruz não pretende negar ou substituir as demais.

Sendo assim, percebe-se que nas Pedagogias das Encruzilhadas, o processo de troca de visões de mundo não é construído nunca numa via de mão única, isto é, em caminhadas individuais. Mas, ao contrário, se estabelece sempre em vias de mão dupla, ou seja, em caminhadas comuns. Portanto, nessa perspectiva, observa-se que as esquinas, os entroncamentos e as bifurcações rejeitam fortemente a linearidade e a suposta autenticidade, legitimidade dos cursos únicos. Uma vez que nas encruzilhadas as culturas religiosas se misturam, se confundem, isto é, passam a ser plurais, múltiplas e, principalmente, relacionais.

Portanto, diferentemente das Pedagogias das Encruzilhadas, a Pedagogia da Batalha Espiritual, por sua vez, rejeita o acolhimento e a convivência com a diversidade religiosa, uma vez que o seu caráter confessional e proselitista exclui as encruzilhadas, tendo em vista que dialoga apenas com a sua cruz.

De fato, ao contrário das Pedagogias das Encruzilhadas, enquanto um lugar de encontro, convivência e diálogo com a pluralidade, nota-se que a Pedagogia da Batalha Espiritual, por sua vez, ao reconhecer o direito de existir apenas da sua confissão de fé, não admite a possibilidade de que as pessoas possam compartilhar o mesmo espaço independentemente das suas confissões de fé e visões de mundo.

Senso assim, no caso da Pedagogia da Batalha Espiritual, observa-se que a ausência de diálogo e encontro com outras cruzeiras (encruzilhadas) são posturas consideradas radicalmente incompatíveis com o paradigma educacional emergente apresentado por Moraes (1997), que compreende a pessoa com um ser que se constrói na relação, multidimensionalidade e interconectividade. Mas, por que é possível perceber que a Pedagogia da Batalha Espiritual não reconhece o aspecto profundamente relacional e multidimensional dos indivíduos?

Ora! Ao contrário das Pedagogias das Encruzilhadas, a Pedagogia da Batalha Espiritual, por sua vez, tem medo das consequências do encontro, tendo em vista que do

diálogo e do encontro surgem o caos, a desordem e a incerteza. Além disso, diferentemente das Pedagogias das Encruzilhadas, a Pedagogia da Batalha Espiritual não reconhece que da instabilidade, da confusão, também surgem a criatividade e a superação do medo do encontro e diálogo como a pluralidade religiosa.

Sendo assim, tendo como base o pensamento de Fazenda (2005), pode-se dizer que nas bifurcações e não nas vias de mão única, uma cultura se deixa, necessariamente, ser interpenetrada por outra. E, a partir daí, conseqüentemente, surgem as caminhadas em comum que concorrem a favor da superação do medo em relação ao outro, ao diferente. Portanto, a Pedagogia de Batalha Espiritual precisa *baixar as armas*, isto é, deve assumir urgentemente um entendimento novo, ou seja, de valorização do encontro, do diálogo, posto que “[...] o ambiente mais favorável à aprendizagem é o interdisciplinar, ao mesmo tempo teórico e prático, socialmente motivado, pluralista e crítico [...]” (DEMO, 1997, p. 45).

Inclusive, diferentemente da Pedagogia da Batalha Espiritual, considerada a principal responsável pela promoção em larga escala de ensinamentos voltados cotidianamente para demonização de Exu. Na proposta das Pedagogias das Encruzilhadas de Rodrigues Junior (2018), por sua vez, Exu se mostra como uma força de criação, possibilidades e diálogo. E, sendo assim, diante das cruzes, do cruzamento, ele propõe uma ética responsiva, portanto, que respeita, valoriza toda e qualquer possibilidade, caminho.

O conceito de *cruzo* das Pedagogias das Encruzilhadas de Rodrigues Júnior (2018), consiste fundamentalmente em encontros, desencontros e cruzamentos, portanto, a ideia de *cruzo* é suficientemente capaz de romper, superar o esquema linear, ou seja, sem curvas, esquinas, bifurcações e atravessamentos da Pedagogia da Batalha Espiritual. Portanto, a concepção de *cruzo* vai muito além das zonas fronteiriças das confissões de fé e das culturas compartimentadas e supõe, necessariamente, que haja travessias e mobilidade de caráter contínuo entre saberes, culturas e religiões.

Outrossim, Wilame Júnior (2020, p. 02, grifo nosso), enfatiza que “Exu é o Orixá dono das encruzilhadas, gosta de brincadeira, e por aí *ensina* a humanidade a levar a vida com ginga e mandinga”. Destaca também que no contexto do “[...] panteão Yorubá (civilização da Nigéria, Benin, Serra Leoa; uma das nações do candomblé no Brasil) ele é o mensageiro entre o aiyê (plano físico) e o orun (plano espiritual)”. (WILAME JÚNIOR, 2020, p. 02).

A prática pedagógica de Wilame Júnior (2020), intitulada Palavras Encruzilhadas, recorre a Filosofia da Encruzilhada de Exú, sobretudo, com o intuito de promover um debate com a sociedade em relação à necessidade cada vez mais imediata de superação do racismo estrutural, e, principalmente, religioso.

Nessa perspectiva, ao contrário da Pedagogia da Batalha Espiritual, que se apresenta de modo profundamente linear, vertical e imutável. Portanto, que não admite interseções, mudanças de rumos, encontros e convívio com o diferente. A pedagogia das Palavras Encruzilhadas, por sua vez, é circular, giratória (móvel), ou seja, permite e valoriza o inesperado e o contato e a aproximação com o diferente.

5. Considerações Finais

Apesar da diversidade religiosa ser um fenômeno universal, portanto, presente em qualquer época e lugar, a Pedagogia da Batalha Espiritual nos mostra que viver com a diferença tem se mostrado um desafio, tendo em vista que, muitas das vezes, as confissões de fé são comunidade fechadas, fortalezas impenetráveis que constroem muros ao invés de pontes.

Portanto, diante disso, é preciso ultrapassar, quebrar a *redoma de vidro* que protege as religiões da aproximação e do diálogo com o outro, com o diferente. Ou seja, é necessário correr o risco da cicatriz do encontro. Uma vez que a diversidade questiona as nossas identidades e certezas teológicas! Mas, ao mesmo tempo, o outro, o caos, a desordem e as incertezas também têm o potencial de nos revelar um mundo novo, uma nova leitura da realidade.

Em razão disso, a Pedagogia da Batalha Espiritual precisa, necessariamente, *baixar as armas*, portanto, deve deixar de ensinar que a manifestação religiosa do outro é inimiga ou um mal que tem que ser combatido e erradicado da face da terra.

Sendo assim, conclui-se que o tripé: nível místico de diálogo inter-religioso, Pedagogias das Encruzilhadas e Palavras Encruzilhadas podem contribuir de modo relevante para a superação da Pedagogia da Batalha Espiritual, uma vez que, ao contrário da linha reta da Pedagogia da Batalha Espiritual, o tripé mencionado acima implica, necessariamente, em pausa para reflexão e diálogo. Além disso, o tripé também permite o surgimento de pontos de convergência para encontros, desencontros e partilha.

Referências

DEMO, P. *A nova LDB: ranços e avanços*. Campinas: Papirus, 19ª ed, 1997.

FAZENDA, I. C. Arantes (org). *Práticas Interdisciplinares na Escola*. São Paulo: Cortez, 2019.

LEMOS, C. S. Teologia da Prosperidade e a sua expansão pelo mundo. *Revista Eletrônica Espaço Teológico* – Universidade Católica de São Paulo, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul/dez, 2017.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/35992> Acesso em: 19 jul. 2022.

LEMOS, M. Pastor é preso após repetidos discursos de ódio contra judeus e negros no RJ. *Universo Online (UOL Notícias)*, 24/02/2022, Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/24/pastor-e-preso-apos-repetidos-discursos-de-odio-contra-judeus-e-gays-no-rj.htm> Acesso em: 21 jul. 2022.

LIMA, D. N. O. "Trabalho", "mudança de vida" e prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 27, n. 01, p. 132-155, jul. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/HnFzNPPXBfKfWnCR7Xz88JD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 abr. 2022.

LIMA, D. N. O. Prosperidade na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, vol.51, n.1, p. 7-35, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/FVfyjtRfRBTjqPDZhWWy4Lw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 abr. 2022.

MACEDO, E. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2005.

MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 13ª ed, 1997.

PACHECO, R. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito Santo*. Brasília: Novos Diálogos, 2019.

PANASIEWICZ, R. Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. Belo Horizonte: *Revista Horizonte – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*, v. 2, n. 3, p. 39-54, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597/624> Acesso em: 17 jul. 2022.

PATRIOTA, K. R. P. M. A aliança entre a religião e a mídia. *Tempo e Presença – Mídia sacralizada e religião secularizada*. Ano 4, n. 15, abr, 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=302&cod_boletim=16&tipo=A Acesso em: 16 jul. 2022.

RODRIGUES JUNIOR, L. R. Pedagogias das Encruzilhadas. *Revista Periferia: Educação, Cultura & Comunicação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro*, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan/Jun, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504> Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTANA, L. K. A. Religião e mercado: a mídia empresarial-religiosa. *Revista de Estudos da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n. 1, p. 54-67, 2005. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_santana.pdf Acesso em: 17 jul. 2022.

SILVA, V. G. Religião e identidade cultural: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. Salvador: *Revista Afro-Ásia*, Bahia n. 56, p. 83-128, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22524> Acesso em: 17 abr. 2022.

SOUSA, M. T. *Sobre o discurso neopentecostal e suas inscrições midiáticas: estudo de caso sobre um programa televisivo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), 2013.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-marco-2013-sobre-discurso-neopentecostal.pdf> Acesso em 16 jul. 2022.

SOUSA, M. T. As narrativas do reino: análise de programas televisivos da Igreja Universal nas madrugadas mineiras. *Dissertação de Mestrado em Comunicação Social* – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9R3GFS> Acesso em: 19 jul. 2022.

TEIXEIRA, F. O pluralismo religioso e a ameaça fundamentalista. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, p. 9-24, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672> Acesso em: 16 abr. 2022.

XAVIER, E. T. Teologia da prosperidade: história, análise e implicações. *Kerigma – Revista Eletrônica de Teologia*. Paraná, v. 5, n. 2, p. 120-147. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/202> Acesso em: 18 jul. 2022.

WILAME JÚNIOR, L. J. *Exu nas escolas: e práticas pedagógicas decoloniais na formação de professores*. Maracanaú, Ceará, Edição do autor. 2020.

WYLLIS, J. Post em seu perfil pessoal do Instagram. Instagram, 1 mar. 2015. Disponível em: https://www.instagram.com/jeanwyllys_real/p/zs0XEQckkR/ Acesso em 19 jul 2022.

El racismo religioso de la Pedagogía de la Batalla Espiritual

Resumen

En el escenario nacional, a partir de la década de 1980, los neopentecostales comenzaron a ocupar posiciones cada vez más destacadas dentro de la sociedad brasileña, especialmente en la política partidaria y en el uso de los medios de comunicación de masas: TV, radio y una avalancha de material impreso. De hecho, el crecimiento exponencial de los neopentecostales en términos económicos y de número de creyentes se produjo, entre otras razones, por el proceso de demonización de las religiones de origen africano. En este sentido, aún hoy, en muchos casos, el liderazgo neopentecostal, especialmente la Iglesia Universal del Reino de Dios (IURD), a través de la Pedagogía de la Batalla Espiritual, continúa difundiendo a gran escala diversas enseñanzas sobre la necesidad permanente para combatir el mal, es decir, el panteón afrobrasileño. Ante esto, es cada vez más urgente la necesidad de promover contraofensivas para enfrentar el avance ininterrumpido de la Pedagogía del Combate Espiritual.

Palabras clave: Racismo religioso; Pedagogía de la Batalla Espiritual; Pedagogías de encrucijada; Palabras de encrucijada; Iglesia Universal del Reino de Dios.

Le racisme religieux de la Pédagogie du Combat Spirituel

Résumé

Sur la scène nationale, à partir des années 1980, les néo-pentecôtistes ont commencé à occuper des positions de plus en plus importantes au sein de la société brésilienne, notamment dans la politique des partis et dans l'utilisation des médias de masse : télévision, radio et une avalanche de documents imprimés. En fait, la croissance exponentielle des néo-pentecôtistes en termes de finances et du nombre de croyants s'est produite, entre autres raisons, en raison du processus de diabolisation des religions d'origine africaine. En ce sens, aujourd'hui encore, dans de nombreux cas, les dirigeants néo-pentecôtistes, en particulier l'Église Universelle du Royaume de Dieu (IURD), à travers la Pédagogie du Combat Spirituel, continuent de diffuser à grande échelle divers enseignements sur la nécessité permanente combattre le mal, c'est-à-dire le panthéon afro-brésilien. Face à cela, il est de plus en plus urgent de promouvoir des contre-offensives pour faire face à l'avancée ininterrompue de la Pédagogie du Combat Spirituel.

Mots clés: Racisme religieux; Pédagogie du Combat Spirituel ; Pédagogies à la Croisée des Chemins ; Mots à la Croisée des Chemins ; Église Universelle du Royaume de Dieu.

The religious racism of the Pedagogy of Spiritual Battle

Abstract

On the national scene, from the 1980s onwards, neo-Pentecostals began to occupy more and more prominent positions within Brazilian society, especially in party politics and in the use of mass media: TV, radio and an avalanche of printed material. In fact, the exponential growth of neo-Pentecostals in terms of finances and the number of believers occurred, among other reasons, due to the process of demonization of religions of African origin. In this sense, even today, in many cases, the neo-Pentecostal leadership, especially the Universal Church of the Kingdom of God (IURD), through the Pedagogy of Spiritual Battle, continues to disseminate on a large scale various teachings about the permanent need to fight evil, that is, the Afro-Brazilian pantheon. In view of this, there is an increasingly urgent need to promote counteroffensives to face the uninterrupted advance of the Pedagogy of Spiritual Battle.

Keywords: Religious racism; Pedagogy of Spiritual Battle; Crossroads Pedagogies; Crossroads Words; Universal Church of the Kingdom of God.